

ATUAÇÃO DO PROFESSOR DE ENSINO FUNDAMENTAL FRENTE AOS DESAFIOS DO PERÍODO PÓS PANDÊMICO

ELEMENTARY EDUCATION TEACHER'S ACTIVITY IN FACING THE CHALLENGES OF THE POST-PANDEMIC PERIOD

Mônica Baldin¹

Samira Casagrande²

RESUMO: Este artigo apresenta os resultados obtidos da pesquisa que tem como objetivo analisar os impactos didáticos pedagógicos mais difíceis que os professores do ensino fundamental - anos iniciais, tiveram que enfrentar durante a pandemia de COVID-19. Com base nas publicações do decorrer dos últimos anos sobre a atuação do professor durante este lapso pandêmico, conforme discorrido pelos principais autores que orientaram a pesquisa, como Bessa (2021), Cardoso, Ferreira, Barbosa (2020), Junior (2020) e Santana (2020), partiu-se para o estudo dos embates ocasionados pela COVID-19. A presente pesquisa de campo foi de natureza básica, utilizando uma abordagem qualitativa, sendo que para a coleta de dados foi feito um roteiro de perguntas semiestruturado realizado de forma presencial. A partir das entrevistas, foi possível compreender a situação vivenciada pelos professores durante o período pandêmico, assim como constatar suas dificuldades encontradas com relação às Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) e como é a relação dos educadores com as tecnologias nos dias atuais. Os resultados obtidos, nos mostraram que ainda hoje, o *datashow* é o que continua a predominar nas salas de aula e que falta interesse e domínio por parte dos docentes para a utilização de recursos tecnológicos como apoio à prática educacional.

PALAVRAS-CHAVE: Professor; Pandemia; Dificuldades; TICs.

ABSTRACT: This article presents the results obtained from a research that aims to analyze the most difficult didactic pedagogical impacts that elementary school teachers - initial years, had to face during the COVID-19 pandemic. Based on publications over the last few years on the role of teachers during this pandemic period, as presented by the main authors who guided the research, such as Bessa (2021), Cardoso, Ferreira, Barbosa (2020), Junior (2020) and Santana (2020), we set out to study the clashes caused by COVID-19. This field research was basic in nature, using a qualitative approach, and for data collection was utilized a

¹ Acadêmica do curso de Pedagogia da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC).

² Dra. em Ciências Ambientais e professora do Curso de Pedagogia da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC).

semi-structured script of questions that was answered face-to-face. From the interviews, it was possible to understand the situation experienced by teachers during the pandemic period, as well as verify their difficulties encountered in relation to ICTs and how educators' relationship with technologies is like nowadays. The results obtained showed us that even today, the datashow continues to predominate in classrooms and that there is a lack of interest and mastery on the part of teachers in the use of technological resources to support educational practice.

KEYWORDS: Teacher; Pandemic; Difficulties; ICTs.

1 INTRODUÇÃO

É de conhecimento que os professores, de todos os lugares e níveis educacionais, carregam consigo a responsabilidade de formar e ajudar no desenvolvimento de todos os sujeitos que formam e formarão a sociedade em que vivemos. Também considera-se fato notório que muitos impactos globais, principalmente aqueles relacionados com a educação, foram causados pela chegada da pandemia do COVID-19 no início de 2020. Durante este lapso, destaca-se que as aulas, que antes ocorriam de maneira presencial, passaram a ser via plataformas digitais, modificando, repentinamente, todo o sistema de ensino consolidado à séculos no Brasil. Atualmente, pode-se dizer que nos encontramos em um período pós pandêmico, e esse período conturbado contribuiu com uma certa defasagem no processo de alfabetização dos educandos.

Publicado na revista “Ensino em Perspectivas”, uma pesquisa realizada a respeito de educação e pandemia, os dados nos mostram o aumento no número de déficit de aprendizagem dos alunos do 1º ano do ensino fundamental: “constatou-se que 10% dos investigados não escrevem o nome completo sem auxílio e 30% ainda não identifica todas as letras do alfabeto.” (Queiroz; Sousa; Paula, 2021, p. 5).

Portanto, esta pesquisa traz a seguinte problemática: quais os embates didáticos-pedagógicos mais difíceis que os professores do ensino fundamental - anos iniciais, tiveram que enfrentar, durante a pandemia de COVID-19? Partindo desta problemática, tem-se como objetivo geral da presente pesquisa: analisar os desafios pedagógicos mais significativos que os professores do ensino fundamental - anos iniciais, enfrentaram durante este período pandêmico. Com relação aos objetivos específicos, procurou-se contextualizar o período pandêmico de COVID-19 a partir do contexto educacional brasileiro, em especial o Ensino Fundamental; identificar os principais confrontos que os professores tiveram durante a pandemia de COVID-19; e verificar se as TICs causaram algum desconforto nos professores durante a pandemia de COVID-19.

Clarividente ser de suma importância o fomento ao debate a respeito deste assunto, e refletir sobre a inclusão da tecnologia como um suporte pedagógico para a educação, assim como também sobre os impactos causados pela COVID-19. Nossas crianças, jovens e adolescentes precisam do apoio não somente familiar, mas também escolar. A pandemia

mudou o mundo, e nós mudamos com ele. A tecnologia está cada vez mais presente em nossas vidas, e foi por conta dela que conseguimos dar continuidade nos processos escolares, mesmo que precariamente. A educação precisa de educadores que visam o melhor, que acreditem e que busquem a inserção da tecnologia como um apoio pedagógico, para que consigam ofertar e formar um sujeito crítico e ativo. Como já dizia Paulo Freire: “Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo.”.

2 O CENÁRIO PANDÊMICO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Com a pandemia causada pelo COVID-19, a prática do professor, que antes ocorria de maneira presencial em sala de aula, teve de se adaptar a novos paradigmas, adentrando ao mundo *online* e remoto, com fins de garantir a continuidade do processo educacional através da utilização de plataformas digitais. Durante este contexto, muitos desafios surgiram e:

Professores e toda a equipe gestora tiveram que adequar o ensino, fazendo o uso de recursos tecnológicos, para dar continuidade às atividades, no entanto, muitos estudantes de comunidades carentes não têm acesso à internet, a infraestrutura não é adequada, faltam recursos técnicos e tecnológicos para dar suporte aos educandos. O despreparo dos profissionais com as ferramentas digitais inibe e dificulta o processo de ensino e aprendizagem (Bessa, 2021, p. 185).

Importante ressaltar que, além dos desafios técnicos, logísticos e sociais perpassados tanto para os docentes quanto para os discentes, temos ainda as defasagens ocasionadas durante este decurso, ainda hoje presentes, produzindo um aumento considerável na já grande desigualdade de conhecimento do Brasil e de seus alunos perante a educação ao redor do mundo. Para compreendermos melhor o ocorrido, a COVID-19, causada pelo novo coronavírus SARS-CoV-2, pode ser definida como uma infecção respiratória aguda de alta gravidade e de fácil transmissibilidade. Considerando o risco que esta doença oferece - podendo causar sequelas permanentes e, em casos mais graves, até a morte -, além do fato de que, no início da proliferação do coronavírus, não havia vacina respectiva, em março de 2020

ocorreu um “fechamento das cidades” e, com isto, as atividades escolares presenciais foram suspensas com o intuito de diminuir a circulação e a transmissão do vírus.

Perante este cenário, os atores do âmbito da educação precisavam pensar em uma forma para que pudessem dar continuidade aos estudos dos seus educandos. Reuniões extraordinárias, conselhos com órgãos da educação e saúde, videochamadas entre a equipe técnica da escola, grupos de mensagens e outros meios de comunicação foram utilizados para levar informações precisas para a população. Houve grande mobilização para que se fosse possível criar um ambiente de debate a fins de discorrerem a respeito de como poderiam prosseguir o ano letivo neste percurso e, também, para que conseguissem assegurar alguma qualidade no ensino, pois havia a preocupação com os déficits de aprendizagens já existentes, bem como os que estavam por vir, além de outras questões.

Segundo Bessa (2021, p. 191) “a pandemia pegou os profissionais da educação de surpresa e, muito rapidamente, os mesmos tiveram que se reinventar quanto ao ensino remoto”, sendo que muitas dúvidas e incertezas surgiram diante desse contexto. Neste momento, os professores se depararam com o uso massivo da tecnologia, tendo que “adequar o seu perfil para se encaixar em uma nova realidade, exigindo ações diferenciadas para atender o que é exigido” (Bessa, 2021, p. 186), fato que ocasionou um significativo aumento na carga horária de trabalho dos professores, corpo técnico e diretoria das instituições de ensino. Os impactos já começaram por aqui, visto que, para que se concretizasse este ensino remoto, primeiramente seria necessário que todos tivessem um computador e um acesso à *internet* estável. Além disso, não há dúvidas de que seria preciso um conhecimento prévio sobre a utilização desses aparelhos, a fim de que houvesse integração entre o conteúdo ministrado e as plataformas disponíveis para o ensino remoto. Muitos professores necessitavam de um suporte técnico e pedagógico para se adequar e se integrar à nova realidade escolar, mas não o tiveram, causando grande empecilho à atividade dos docentes e ao aprendizado dos alunos.

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) são recursos ricos e importantes e que podem ser utilizados no dia a dia da educação para o aprendizado. Ao inserirmos essas tecnologias no dia a dia escolar, utilizando-as como um recurso a mais nas aulas, pode-se proporcionar um conteúdo de qualidade, interativo e criativo, criando diferentes estímulos ao discente, a fim de que se engaje em sua própria educação, acrescentando no conhecimento do aluno. Infelizmente, nem todos sabem como utilizá-las e nem todos possuem acesso a tais recursos ou ferramentas tecnológicas. Algumas pesquisas relacionadas com a utilização destas ferramentas, nos mostram que “79% dos docentes declararam que a ausência de um curso para o uso do computador e da internet nas aulas dificulta o trabalho.” (Arruda; Silva; Bezerra, 2020, p. 4). Mas isso acontece não somente com os professores: os dados apontam “que apenas 40% dos estudantes tiveram algum tipo experiência com cursos online ou simulados online (Arruda; Silva; Bezerra, 2020, p. 4). Assim, resta evidentemente que, havendo dificuldade de ambas as partes em suas respectivas integrações aos novos ambientes de ensino, muito se perdeu, ou deixou-se de aproveitar.

Este momento pandêmico, sem dúvida alguma, foi um dos mais desafiadores para a educação brasileira até hoje - um mergulho repentino em um mundo das tecnologias, para que pudesse ser proporcionado um ensino remoto em caráter emergencial. O ensino remoto foi de suma importância para a continuidade da educação durante este período, em que os atores do âmbito educacional, tal como toda a sociedade, buscaram se adaptar e promover mecanismos que facilitassem essa mudança brusca de paradigmas: flexibilizações de presença, disponibilização de cursos, e plataformas *online*. No entanto, infelizmente, ficaram algumas marcas: a dificuldade dos alunos com o processo de alfabetização aumentou consideravelmente. Por mais que as estratégias tenham sido importantes neste contexto educacional, o ensino remoto “tem diversas limitações e não atende a todas as crianças e jovens brasileiros da mesma maneira” (Cardoso; Ferreira; Barbosa, 2020, p. 42).

Consoante a isso, um aspecto importante relacionado à defasagem e à limitação do ensino remoto, segundo Macedo (2021, p. 273), foi que, para que o aluno pudesse

acompanhar as aulas remotas, não bastava apenas ter acesso aos “materiais necessários, à organização de um espaço adequado para estudos dentro de casa e o acompanhamento de familiares que, por diferentes motivações (sociais, econômicas, de saúde ou pela rotina de trabalho)” não estavam presentes, e isso, por conseguinte, acabava por influenciar no processo de aprendizagem do aluno. É considerável lembrar das distrações que se encontram ao alcance do estudante: barulhos externos, barulhos internos, interações com familiares e animais da casa, além do fácil alcance a brinquedos, objetos e tecnologias mais “cativantes” que o olhar atento a uma aula de matemática por meio de uma tela de celular. Nesse mesmo sentido, um artigo publicado na revista “Com Censo”:

O engajamento dos alunos no ensino à distância também tem sido um grande desafio. O ensino remoto já há algum tempo tem se expandido no nível superior de educação, contudo, é substancialmente diferente do ensino na educação básica. Manter o engajamento dos estudantes em aulas presenciais já era um desafio, no ensino à distância esse desafio é potencializado pelas alterações emocionais causadas pelo isolamento social e pelo aumento de elementos de distração ao alcance do aluno (Cardoso; Ferreira; Barbosa, 2020, p. 42).

Contudo, é muito provável que aquele aluno que já se encontra em uma classe social inferior, partindo de razões de carência ao acesso às tecnologias, de um ambiente favorável, de uma *internet* com boa velocidade, entre outras razões, seja aquele em uma situação mais propícia à perda de desempenho escolar durante o período de ensino remoto (Cardoso; Ferreira; Barbosa, 2020).

Vale ressaltar ainda sobre as desigualdades oriundas deste contexto pandêmico, conforme Bessa (2021, p. 191):

[...] o fechamento das escolas, foi a ocasião propícia para ficar em evidência os mecanismos de criação e reprodução das desigualdades, acentuando a presença de diversos operadores de diferenciação social e aumentando as distâncias educacionais entre escolas públicas e privadas, ricos e pobres, agrega-se às desigualdades educacionais e sociais as desigualdades digitais.

Se antes do período pandêmico, já existia uma certa desigualdade - seja ela em nível educacional, social, econômico ou tecnológico -, após este lapso, podemos dizer que tivemos um aumento considerável dessas diferenças. Deste modo, também se aprende que, em regra, desigualdades geram mais desigualdades, sendo o combate a estas uma tarefa preciosa para a educação em seu âmbito. Com isto, tendo em mente os fatos supracitados, a médio e a longo prazo é possível - e crê-se que até desejável - que alguns documentos dirigentes da educação brasileira, como o Plano Nacional de Educação (PNE), tenham seus objetivos, métodos e perspectivas impactados e tendo que ser adaptado à nova realidade brasileira (Cardoso; Ferreira; Barbosa, 2020).

Hoje, em um tempo pós-pandêmico, os nossos professores puderam retornar presencialmente às salas de aula para retomada de sua prática docente. Entretanto, temos uma importante questão em aberto, a qual precisamos lidar e que não pode ser adiada: como lidar com a defasagem evidenciada? A educação encontra-se em recuperação, e os alunos foram os mais atingidos. Sabemos que, mesmo com a adoção de um ensino remoto em caráter emergencial, os índices educacionais obtidos durante o lapso da pandemia dificilmente manteriam a qualidade, que já é precária, do ensino presencial. Assim, foi possível verificar que: “O ensino emergencial à distância não tem capacidade para fornecer os mesmos resultados da aprendizagem presencial” (Cardoso; Ferreira; Barbosa, 2020, p. 42), mas sabemos também que, se não fosse por ele, os prejuízos teriam sido bem maiores, com uma possível paralisação de mais de 1 ano de todas as atividades letivas. Graças ao ensino remoto, nós tivemos a oportunidade de dar continuidade aos processos educativos. A pandemia não foi um período fácil para a educação, ela nos mostrou desde as fragilidades existentes em variados contextos até o que as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) têm a nos oferecer e que poderemos levar conosco desta experiência para o planejamento e a criação de novas perspectivas do futuro educacional brasileiro.

3 A TECNOLOGIA A SERVIÇOS DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) têm desempenhado um papel cada vez mais relevante no campo da educação. Desde os últimos tempos, seu avanço vem crescendo muito rapidamente, tornando-se cada vez mais robusta e sofisticada. A tecnologia educacional pode ser compreendida como “o conjunto de técnicas, processos e métodos que utilizam meios digitais e demais recursos como ferramentas de apoio aplicadas ao ensino, com a possibilidade de atuar de forma metódica entre quem ensina e quem aprende.” (Ramos, 2012, p. 6).

Após vivenciarmos o período pandêmico, as TICs se mostraram um grande aliado para o professor exercer sua prática docente. Conforme Junior (2020, p.7):

No atual cenário de modernas tecnologias digitais é fundamental que o docente busque um nível de formação mais adequado e qualificado para utilização dos recursos tecnológicos digitais, onde o mesmo alcançará estrutura curricular profissional capaz de inovar suas metodologias de ensino através do uso das tecnologias digitais.

No contexto escolar, quando o professor incorpora estes meios digitais a um corpo discente, suas aulas podem se tornar mais enriquecedoras. Nesse sentido, se o educador mantiver uma abordagem constante em suas aulas, sem a inserção intermitente da tecnologia, os alunos podem perder a motivação, pois não experimentarão o uso desses novos recursos (Silva; Prates; Ribeiro, 2016). Portanto, é crucial que os professores estejam atentos ao avanço tecnológico e o incorporem em sua prática educacional para manter o engajamento dos estudantes.

Levando em consideração que o professor é o responsável por mediar o conteúdo para o aluno, para que sua tarefa se efetive de maneira significativa na vida do estudante, ele pode aderir às novas metodologias em seu plano de ensino, tendo em vista que é por meio da interação que irá acontecer o processo de ensino e aprendizagem, pois:

O processo ensino e aprendizagem se dão na interação do aluno com o meio, onde estão inseridos o professor e os recursos. Para que o mesmo aconteça e se efetive na vida do educando de forma significativa, a inclusão de novos recursos nesse processo propiciará novas formas de aprender e ensinar, de forma a ampliar a mediação pedagógica entre professor e aluno (Silva; Prates; Ribeiro, 2016, p. 108).

Contudo, vimos aqui que o educador precisa estar em consonância com os avanços tecnológicos para atuar como mediador dos conhecimentos produzidos e sistematizados historicamente. Vale ressaltar ainda que as ferramentas tecnológicas, quando associadas para a construção do conhecimento “com novas formas de comunicação e linguagem ampliam e significam o espaço escolar, tornando-o mais agradável, motivacional, buscando interesse e eficiência pelos alunos e professores.” (Santana, 2020, p. 4). Logo, podemos enxergar estas tecnologias como um apoio ao professor e ao aluno.

No entanto, é importante destacar que a tecnologia na educação deve ser usada de maneira cuidadosa e equilibrada. Os educadores devem estar atentos para evitar a substituição completa das interações humanas e garantir que o uso da tecnologia esteja alinhado com os objetivos educacionais. Além disso, é fundamental promover a alfabetização digital entre os alunos, para que possam utilizar a tecnologia de forma crítica e responsável.

Sabe-se que hoje existem uma série de infinitudes de sites e aplicativos pagos e não pagos que podem ser utilizados no processo de ensino e aprendizagem, mas também sabemos que existem certos desafios para que o docente faça o uso dessas em sala de aula. A *internet* e os dispositivos digitais permitem com que os alunos explorem uma vasta gama de recursos educacionais, como vídeos, simulações, *quizzes* e materiais de leitura. Além disso, temos também as tecnologias imersivas, como a realidade virtual e a aumentada, que tornam as aulas mais envolventes e significativas, incentivando os alunos a participarem ativamente do processo de aprendizado.

Entretanto, temos o dilema dos aplicativos pagos e não pagos. Os aplicativos pagos podem fazer com que ocorra uma certa comercialização do ensino, na qual somente algumas pessoas poderão ter acesso a eles, comprometendo assim a educação igualitária. A educação não deve ser um mercado, mas sim um direito universal. Já com relação aos aplicativos

gratuitos, estes possuem um potencial para reduzir a desigualdade de acesso, tornando a tecnologia educacional disponível para um público mais amplo.

A tecnologia oferece inúmeras oportunidades à pedagogia, mas também apresenta desafios significativos relacionados ao acesso e à equidade. A pedagogia do futuro deve ser guiada pela busca de um equilíbrio sensato entre aplicativos pagos e gratuitos, garantindo que a tecnologia seja uma aliada na promoção da educação de qualidade para todos.

3.1 O DOMÍNIO DA TECNOLOGIA: FRAQUEZA OU FORTALEZA?

A tecnologia veio para melhorar e facilitar a vida das pessoas, ela tem acrescentado muito nos últimos tempos e principalmente dentro do campo educacional. Para a utilização dela, é preciso conhecê-la e ter domínio sobre ela. Ter domínio da tecnologia refere-se à capacidade de compreender, empregar e controlar a tecnologia em suas diversas formas, aplicando-a de maneira eficaz em variadas áreas da vida pessoal e profissional. Na educação, o domínio da tecnologia apresenta certos desafios. Um deles é a necessidade de os professores se adaptarem constantemente às mudanças tecnológicas e aprenderem a incorporar efetivamente essas ferramentas em suas práticas. Isso pode ser uma curva de aprendizado desafiadora para alguns educadores. Assim como também para os alunos, nem todos possuem o conhecimento prévio para lidar com as TICs e tampouco o acesso a elas.

Nesse sentido, já há pesquisas científicas relevantes que versam sobre os desafios ocasionados pelas desigualdades digitais e a implementação de TICs no ambiente escolar. Um estudo realizado durante a pandemia no ano de 2020 nos mostra que:

[...] 58% dos alunos declararam utilizar o celular para atividades escolares, destes, 18% só possuíam acesso à internet pelo telefone. Em relação aos professores, apenas 33% disseram ter tido algum tipo de formação para uso do computador e da internet para atividades escolares (CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO, 2020; Parreiras e Macedo, 2020b apud Macedo, 2021, p. 267).

Tais fatos evidenciam que a prática educacional implementada através das TICs deve buscar abarcar a grande maioria de discentes e docentes que não possuem, muitas vezes, nem o domínio básico dessas tecnologias.

Existe muita resistência nas escolas com relação à introdução da tecnologia para a educação. Os professores carregam certos bloqueios com a proposição de novos desafios - alguns por não terem conhecimento o suficiente para a aplicação destes instrumentos em sala de aula, e outros por não associarem elas aos objetivos de aprendizagem (Santana, 2020). Segundo Silva, Prates e Ribeiro (2016, p. 113) “o maior desafio para o professor é integrar essas novas tecnologias aos conteúdos ministrados em sala de aula, pois não basta apenas ter as ferramentas, se não se sabe utilizá-las”. A falta de apropriação do “conhecimento sobre as tecnologias por parte dos educadores e a ausência de estrutura tecnológica em algumas instituições de ensino, é um grande obstáculo para a implantação da mesma” (Santana, 2020, p.5).

Nada adiantará uma escola ter todos os recursos para a concretização da tecnologia como suporte para a aprendizagem se não houver profissionais capacitados para esta realização. Conforme já dizia Santana (2020, p. 6):

Uma escola pode ter uma estratégia bem desenhada, um currículo moderno e aderente à demanda das famílias, e ainda contar com as melhores plataformas tecnológicas disponíveis no mercado, mas sem professores bem preparados para operacionalizar o projeto pedagógico, este pacote de atributos vale muito pouco, e a rota nem sempre levará ao sucesso.

Importante salientar, ainda, que, para além do domínio sobre a ferramenta, o professor precisa ainda saber encaixar isso em suas aulas. Ou seja, ele precisa pensar em como essa ferramenta irá contribuir para o aprendizado do aluno. Para Santana (2020, p.3), “O mundo atual está ligado às tecnologias, observamos cada vez mais as crianças lidando facilmente com aparelhos tecnológicos, embora ainda exista certa dificuldade dos alunos e dos professores em utilizá-los como auxílio à aprendizagem.”. A tecnologia ainda, para muitos não é vista como um suporte à educação, e isso precisa ser repensado.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 8, nº2, julho/dezembro - 2024.– Curso de Pedagogia– UNESC

4 METODOLOGIA, APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Dando importância a tudo o que foi apresentado até aqui, esta pesquisa teve uma abordagem de cunho qualitativo. Sabe-se que: “Pesquisar qualitativamente é analisar, observar, descrever e realizar práticas interpretativas de um fenômeno a fim de compreender seu significado.” (Rodrigues; Oliveira; Santos, 2021, p. 158). Assim, tendo em vista que aqui houve a busca pela melhor compreensão dos efeitos da pandemia na educação, houve a necessidade de uma abordagem mais qualitativa, em vez de simples coleta de dados.

Sabendo-se, então, que a pesquisa buscou a compreensão e análise do fenômeno apresentado, com relação à natureza, considerou-se como básica, visto que esta teve por finalidade gerar novos conhecimentos científicos, sem a necessária criação de um produto ou aplicação no campo prático do problema.

Tem-se por objetivo uma pesquisa de caráter exploratório, considerando que ela busca “levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto” (Severino, 2007, p. 107). Trouxe, ainda, uma aproximação do fenômeno por meio dos resultados alcançados. Para que a pesquisa se realizasse, o procedimento escolhido foi a pesquisa de campo.

A pesquisa transcorreu por meio de entrevistas semiestruturadas com os professores do Ensino Fundamental pertencentes a uma rede pública estadual do Extremo Sul Catarinense. Seu corpo docente é composto aproximadamente por 5 professores que atuam nos anos iniciais da educação. O roteiro de pesquisa é constituído por 5 perguntas. A partir das entrevistas, os resultados obtidos foram analisados a fins de compreensão sobre como foi, para profissionais da educação do âmbito do Ensino Fundamental, a troca do ensino presencial para o ensino remoto e qual a relação que os professores têm com as TICs em suas aulas atualmente.

Foram entrevistadas 5 professoras do Ensino Fundamental, dado que todas elas possuem formação em Pedagogia e alguma especialização, sendo que a maioria delas tem especialização em Educação Especial. O tempo de atuação no magistério das entrevistadas varia entre 2 e 30 anos de atuação na prática docente, conforme está apresentado no Quadro 1, abaixo. Para garantir o anonimato das entrevistadas, elas serão denominadas aqui na pesquisa de “Professora 1”; “Professora 2”; “Professora 3”; “Professora 4”; e “Professora 5”. As entrevistas aconteceram de maneira presencial, e o tempo para cada uma variava entre 4 a 8 minutos, dentro do período de 25 a 28 de setembro de 2023.

Conforme mencionado anteriormente, o foco central deste trabalho consiste em avaliar os desafios pedagógicos mais complexos que os professores do Ensino Fundamental - Anos Iniciais, enfrentaram durante a pandemia de COVID-19. A análise dos dados foi dividida em dois grupos, a saber: “TICs e o processo de aprender e ensinar” e “As professoras e as TICs: uma relação de poucos amigos”.

Quadro 1 - Identificação das professoras entrevistadas

	Formação	Tempo de atuação no magistério
Professora 1	Graduação em Pedagogia - Pós Graduação em Ciências dos Saberes da Educação.	30 anos.
Professora 2	Graduação em Pedagogia - Pós Graduação em Educação Especial.	6 anos.
Professora 3	Graduação em Pedagogia - Pós Graduação em Educação Inclusiva.	2 anos e 8 meses.
Professora 4	Graduação em Pedagogia - Pós Graduação em Educação Especial.	10 anos.
Professora 5	Graduação em Pedagogia - Pós Graduação em Educação Especial.	11 anos.

Fonte: elaborado pela autora.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 8, nº2, julho/dezembro - 2024.– Curso de Pedagogia– UNESC

4.1 TICS E O PROCESSO DE APRENDER E ENSINAR

Sem maiores prejuízos, pode-se dizer que a troca do ensino presencial para o ensino remoto, devido à pandemia, foi extremamente turbulenta para os professores. Assim, passou-se a ter um novo direcionamento; à vista disso:

Antes práticas de ensino eram traçadas e fixadas diante de um currículo pré-estabelecido pela normatização. Dentro do novo cenário, tais práticas, tiveram que receber um novo direcionamento e serem flexibilizadas. Isso porque atividades remotas tiveram que ser aplicadas e nestas fazer uso direto com a tecnologia. Surge então a necessidade de adaptação dos educadores para se adequar à nova realidade de compartilhar o conhecimento (Arruda; Silva; Bezerra, 2020, p. 3).

Diante deste cenário, com a imersão nos meios tecnológicos para que a realização da prática docente acontecesse, a pesquisa de campo nos permitiu constatar que, dentre as 5 entrevistadas, todas relataram dificuldades para encaminhar suas aulas no modelo remoto, principalmente para manusear as tecnologias, tendo em vista a falta de familiaridade na aplicação das TICs em ambiente escolar. Do relato das professoras, destaca-se a alteração repentina para o ensino remoto emergencial. Foi um período árduo, não apenas para elas, mas especialmente para os alunos que estavam no 5º ano do Ensino Fundamental. A Professora 1 relatou o quão angustiante foi esse momento, visto que sua atuação se dá na alfabetização, matéria na qual demanda uma maior atenção e explicação minuciosa do processo de apropriação da leitura e da escrita. Como as aulas não eram presenciais, ela ficou certamente preocupada em como este fato afetaria o ensino. De acordo com as respostas relativas à continuação das aulas, explicou que estas funcionavam da seguinte maneira: as professoras iam até a escola, gravavam os vídeos explicativos sobre o que seria ensinado, editavam-nos e os encaminhavam para os alunos. Algumas atividades eram encaminhadas via *e-mails*, e outras por *WhatsApp*. Do mesmo modo, também eram feitas videochamadas individualmente com cada estudante. Para aqueles que não tinham condições financeiras ou logísticas para

participarem dessas aulas e atividades, alguns materiais impressos eram postos à disposição dos pais destes alunos para a retirada na escola.

Pensando nessa troca do ensino presencial para o ensino remoto, associando com as TICs, dentre as entrevistadas, apenas a Professora 2 recebeu um treinamento que tinha como propósito auxiliar o professor para que o ajudasse, diante desta situação emergencial e atípica, a preparar os materiais e gravar as aulas, avaliar o aluno, entre outras atividades, de maneira remota.

Não menos importante é a necessidade de abordar as dificuldades encontradas pelos alunos, que, segundo os relatos das entrevistadas, muitas vezes sequer possuíam o acesso às TICs, ou, se tinham, não recebiam o apoio e o auxílio dos pais em casa para a realização das atividades escolares, fazendo com que ocorresse apatia pelos estudos. Neste mesmo sentido, segundo Ortega e Rocha (2020, p.305):

[...] as crianças, principalmente, dependem do apoio e da mediação de terceiros para efetivarem significativamente suas aprendizagens e para, autonomamente, a partir das diferentes fontes de informação, extraírem conhecimentos, analisá-los, processá-los e aplicá-los em suas experiências e práticas cotidianas.

Nessa perspectiva, pensando na realidade brasileira, sabemos que existe uma série de fatores que acabaram por influenciar na aprendizagem da criança durante este momento delicado que enfrentamos, sendo elas: a “falta de acesso a computadores/notebook e banda larga de qualidade, falta de recursos materiais e financeiros para que os pais possam ficar em casa, acompanhar e cuidar da educação e da saúde de seus filhos, entre outras.” (Ortega; Rocha, 2020, p. 304).

Ademais, um dos questionamentos feitos na pesquisa, era relativo a qualidade que o ensino remoto ofertou em comparação com o ensino presencial. Todas as professoras entrevistadas acreditam que o ensino remoto falhou em manter a mesma qualidade que o ensino presencial, principalmente para os alunos do campo, que não tinham meios tecnológicos, assim como também não tinham o acesso a uma banda larga de qualidade para

acompanhar as aulas. Com isso, segundo a fala das Professoras 2, 3 e 4, hoje pode-se encontrar diversos alunos no 4º ano que não sabem ler e escrever, em evidente agressão à alfabetização, fazendo com que o professor precise, ao invés de ensinar o conteúdo daquele ano escolar específico, tenha que interromper a aula atual para ajudar o discente a superar as lacunas de aprendizado que surgiram durante a pandemia e, em algumas situações mais críticas, foi necessário que as professoras entrevistadas recomeçassem o processo de alfabetização desde o início. A Professora 4 comentou que, na época com o retorno das aulas presenciais, atuava no terceiro ano e teve que recomeçar o processo, pois as crianças não sabiam o conteúdo nem sequer do primeiro ano.

Em vista disso, pode-se observar a defasagem de conhecimento na qual hoje alguns dos alunos se encontram. Segundo Souza *et al* (2021), “é preciso destacar o déficit a ser trabalhado em razão da perda ocasionada pela instabilidade estrutural do contato presencial.”. A atual posição dos docentes no Brasil evidencia-se nesse contexto, motivo pelo qual haverá anos letivos perdidos ante a necessidade de trabalhar o déficit que foi ocasionado no tempo pandêmico.

Na terceira questão, que discorre sobre a utilização das TICs em sala de aula hoje, conclui-se que, em suma, as professoras não costumam utilizar com frequência e, quando utilizam, as práticas costumam limitar-se ao *datashow* para vídeos educativos e, no máximo, uma vez ou outra *tablets* para alguma pesquisa na *internet*. As Professoras 1 e 3 nos contam que utilizam o *datashow* quase diariamente, já as Professoras 2, 4 e 5 citam que raramente costuma utilizar as TICs em suas aulas. A Professora 4, inclusive, comentou que o uso do *tablet* acontece muito nas aulas de Educação Física.

Com relação à qualidade da *internet*, para que discentes e docentes possam usufruir destes recursos tecnológicos, todas as professoras alegaram haver uma boa conexão, devido ao fato de ser a própria escola quem custeia a *internet*. Com isto, constatamos que a escola tem recursos a oferecer, mas estes não são explorados da maneira que poderiam ser, por falta de domínio tecnológico e interesse. Assim como também por questões de acessibilidade,

conforme a fala da Professora 1, é inviável carregar 27 *tablets* para a sala de aula, por ser um processo moroso, ao contrário do *datashow*, que é apenas 1 aparelho.

4.2 AS PROFESSORAS E AS TICS: UMA RELAÇÃO DE POUCOS AMIGOS

Como vimos, atualmente as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) estão cada vez mais presentes no nosso cotidiano, principalmente após a pandemia. Segundo Júnior (2020, p. 3), a tecnologia dentro do ambiente escolar:

Trata-se de uma inovação pedagógica, que, com os recursos tecnológicos, levará o educador a ter muito mais oportunidade de compreender os conceitos e as estratégias utilizadas pelo aluno e, com esse conhecimento, mediar e contribuir de maneira mais efetiva nesse processo de construção do conhecimento.

Partindo desta ideia, ainda assim, hoje encontramos professores que têm dificuldades quando o assunto é tecnologia e a sua aplicação na sala de aula. Esta resistência por parte dos professores à utilização da tecnologia como um suporte pedagógico dá-se pela falta de familiaridade com o equipamento. Sendo assim, de acordo com Junior (2020, p. 4), “o professor precisa vencer o receio de usar as tecnologias em seu trabalho docente” e utilizá-la como um apoio à educação para que os alunos:

[...] possam não só utilizar de maneira adequada os recursos das TICs, bem como estimular o raciocínio com as ferramentas oferecidas, mas para que também atuem como gestores de produtos e de soluções, empregando-as no seu cotidiano, com apoio das novas tecnologias (Junior, 2020, p. 4).

A quarta pergunta da entrevista trata-se sobre a escola ter algo ou algum ambiente a oferecer com relação às TICs e se os professores utilizavam este meio. As professoras relataram que a escola tem TICs para oferecer, porém, hoje encontra-se com uma parte interdita e é justamente nesta parte que se encontra a lousa digital e sala informatizada, impossibilitando-as assim da utilização. A Professora 2, até ressaltou que quando puder

retornar com o funcionamento da sala informatizada ela pretende utilizá-la. Entretanto, a escola possui *tablets* e *datashows* que podem ser utilizados desde que seja agendado um dia e um horário. Durante a entrevista, a Professora 1 fez uma observação significativa sobre a dificuldade encontrada com relação à utilização do *tablet* em sala de aula. Ela comentou que a escola não tem uma sala na qual ela possa levar os alunos até lá para que possam manusear, muito pelo contrário, é ela quem tem que carregar todos os *tablets* até a sala para que isso aconteça, e o mesmo acontece com o *datashow*, pois ele não tem uma sala própria. Ainda assim, de acordo com as entrevistadas, mesmo tendo o recurso do *tablet*, o *datashow* é o que continua predominando nas salas de aula pelo menos 1 vez na semana. Em conformidade com as Professoras 1 e 3, utilizam com mais frequência do que as Professoras 2, 4 e 5 que não costumam utilizar, nem o *datashow* e muito menos o *tablet*. Podemos inferir aqui que o pouco uso desses equipamentos tecnológicos deve-se ao fato de as entrevistadas não dominarem ou não conhecerem esses recursos como estratégias de ensino.

Averiguamos aqui que a questão da acessibilidade acaba por influenciar diretamente no tempo disponibilizado de uma aula, visto que o professor teria que ter um tempo maior disponível para a preparação dos referidos equipamentos. Evidenciando-se tal fato, comprova-se a facilidade e otimização do tempo usando o *datashow*, pois seria apenas 1 equipamento ao invés de vários.

O último questionamento da entrevista era se o professor vê a TIC como um suporte pedagógico para a aprendizagem. Nesta questão, todas as professoras concordaram que é uma ferramenta muito importante para o processo de ensino-aprendizagem, porém, comparado às suas respostas anteriores, elas não costumam utilizá-las com frequência. A Professora 3 relatou que utilizar a TIC é até uma forma diferente para os alunos aprenderem, pelo fato de sair do tradicional. Já a Professora 5 mencionou que as TICs multiplicam as possibilidades de pesquisas e informações para os alunos, e a utilização delas acaba por despertar o interesse e estimular o desenvolvimento dos processos de ensino e aprendizagem.

Desta forma, podemos dizer que as TICs são de fato um suporte para a educação e é interessante que o professor, quando ter disponibilidade, as traga para a sala de aula a fim de enriquecer a aprendizagem do aluno, visto que, quando incluída, de acordo com Santana (2020, p. 6 e 7): “incluí-la dentro de sala de aula provoca empolgação e atrai os alunos, tornando as aulas mais dinâmicas, inspiradoras e ativas, desenvolvendo assim sua independência cognitiva e seu pensamento crítico, na resolução de tarefas ou problemas nas diversas áreas de sua vida.”. Portanto, é relevante que os professores se adaptem a essa realidade e que busquem incluir a tecnologia em suas aulas, tendo em vista que:

[...] as tecnologias estão para auxiliar a aprendizagem e o educador é o mediador dessa aprendizagem tecnológica, a sociedade cobra essa eficiência e habilidade, e o professor deve buscá-la e aplicá-la de forma adequada em sala de aula, a fim de uma aprendizagem concreta e centrada no conhecimento e pensamento crítico do aluno. (Santana, 2020, p. 5)

Em suma, mesmo com os professores reconhecendo a importância das TICs e mesmo com a escola ofertando estes recursos tecnológicos, eles ainda apresentam um certo receio na inclusão como um suporte pedagógico, seja por falta de domínio, como também por questões de acessibilidade.

5 CONCLUSÃO

De acordo com a presente pesquisa, foi possível analisar que a transição do ensino presencial para o ensino remoto, devido à pandemia de COVID-19, representou um desafio significativo tanto para as professoras quanto para os alunos. Inúmeros obstáculos surgiram, com destaque para aqueles relacionados à tecnologia. Afinal, como ensinar crianças de maneira eficaz por meio de aulas *online* quando muitos professores não tinham domínio de ferramentas tecnológicas? Questões como a disponibilidade de banda larga e o acesso, assim como também o domínio, a dispositivos digitais foram os pontos mais críticos identificados na análise.

Saberes Pedagógicos, Criciúma, v. 8, nº2, julho/dezembro - 2024.– Curso de Pedagogia– UNESC

Durante esse período de pandemia, podemos afirmar que os alunos foram os mais afetados, pois precisavam de recursos tecnológicos para acessar as aulas. Muitos alunos não tinham os aparelhos, outros não tinham uma banda larga de qualidade, entre outros. Além disso, a presença e o apoio da família e da escola eram essenciais para o progresso do aprendizado.

As professoras também enfrentaram desafios consideráveis ao lidar com a tecnologia e incorporar o ensino remoto em sua prática docente. Embora algumas tenham adquirido algum conhecimento prévio, muitas ainda não conseguem integrar eficazmente as tecnologias em suas aulas. Entre as cinco entrevistadas, apenas uma alegou ter recebido treinamento para ajudar a preparar materiais, gravar aulas, avaliar os alunos e realizar outras atividades de maneira remota.

Ficou evidente que as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) não estão sendo plenamente utilizadas na sala de aula como poderiam, seja devido à falta de interesse por parte dos professores, seja devido à falta de domínio dessas ferramentas, assim como também seja devido a falta de acessibilidade. Constatamos ainda que o *datashow* é o que continua a predominar na sala de aula, principalmente tendo em vista que a escola não tem uma sala própria para o uso destes recursos, fazendo com que seja o professor que tenha que transportar esses aparelhos. Além de que, é mais fácil carregar um equipamento de *datashow* do que vinte e sete *tablets*, por questões de tempo e deslocamento.

Diante desse cenário, conclui-se que tanto professores quanto alunos enfrentaram dificuldades significativas durante o período do ensino remoto de emergência. Ainda hoje, observam-se lacunas na aprendizagem, às vezes exigindo uma revisão de conteúdos para permitir que os alunos avancem. Além disso, temos a questão das Tecnologias de Informação e Comunicação, que são reconhecidas como um apoio pedagógico para a educação, mas, devido à falta de domínio, acessibilidade e interesse por parte dos docentes, acabam por não fazer parte do meio educacional. O que é estranho e preocupante, uma vez que a Base

Nacional Comum Curricular - BNCC propõe o uso das TICs nas práticas pedagógicas, como forma de dinamizar e produzir sentidos e significados na educação básica.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Graziela Queiroz de; SILVA, Joelma Santana Reis da; BEZERRA, Maria Aparecida Dantas. O uso da tecnologia e as dificuldades enfrentadas por educadores e educandos em meio a pandemia. Conedu: VII Congresso Nacional de Educação. **Educação como (re)Existência: mudanças, conscientização e conhecimentos**, Maceió, 2020.

Disponível em:

https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA_ID2426_04092020084651.pdf. Acesso em: 20 de maio de 2023.

BESSA, Sonia. Professores em tempos de pandemia: percepções, sentimentos e prática pedagógica. **Revista Devir Educação**, Lavras-MG. Edição Especial, p.183-205, Set./2021. Acesso em: 20 de maio de 2023.

CARDOSO, Cristiane Alves; FERREIRA, Valdivina Alves; BARBOSA, Fabiana Carla Gomes. (Des)igualdade de acesso à educação em tempos de pandemia: uma análise do acesso às tecnologias e das alternativas de ensino remoto. **Revista Com Senso #22**, vol. 7, n. 3. 2020. Disponível em:

<https://periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/929/554>. Acesso em: 21 de maio de 2023.

JUNIOR, Antonio Silva Galeno. O uso das tecnologias digitais nas práticas pedagógicas do docente. Conedu: VII Congresso Nacional de Educação. **Educação como (re)Existência: mudanças, conscientização e conhecimentos**, Maceió, 2020. Disponível em:

<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/69169>. Acesso em: 03 de set. de 2023.

MACEDO, Renata Mourão. Direito ou privilégio? Desigualdades digitais, pandemia e os desafios de uma escola pública. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol 34, nº 73, p.262-280, Maio-Agosto 2021. Acesso em: 04 de abr. de 2023.

ORTEGA, Lenise Maria Ribeiro; ROCHA, Vitor Fiuza. O dia depois de amanhã - na realidade

e nas mentes - o que esperar da escola pós-pandemia? **Pedagogia em Ação**, Belo Horizonte, v.13, n. 1, p. 302-314, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3jYeAI0>. Acesso em: 7 de out. de 2023.

QUEIROZ, Michele Gomes de; SOUSA, Francisca Genifer Andrade de; PAULA, Genegleisson Queiroz de. Educação e Pandemia: impactos na aprendizagem de alunos em alfabetização. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v 2, n. 4, p.1-9, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/6057/5383>. Acesso em: 04 de abr. de 2023.

RAMOS, Márcio Roberto Vieira. Ensino de Sociologia em Debate: O uso de tecnologias em sala de aula. Revista Eletrônica: **LENPES-PIBID de Ciências Sociais - UEL**, edição nº. 2, vol. 1, jul-dez. 2012. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/lenpes-pibid/pages/arquivos/2%20Edicao/MARCIO%20RAMOS%20-%20ORIENT%20PROF%20ANGELA.pdf>. Acesso em: 03 de set. de 2023.

RODRIGUES, Tatiane Daby de Fatima Faria; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; SANTOS, Josely Alves dos. As pesquisas qualitativas e quantitativas na educação. **Revista Prisma**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 154-174, 2021. Disponível em: <https://revistaprisma.emnuvens.com.br/prisma/article/view/49/41>. Acesso em: 24 de jun. de 2023.

SANTANA, Livia de Carvalho. O uso das tecnologias educacionais em sala de aula. Conedu: VII Congresso Nacional de Educação. **Educação como (re)Existência: mudanças, conscientização e conhecimentos**, Maceió, 2020. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/69171>. Acesso em: 30 de ago. de 2023.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007. Acesso em: 25 de jun. de 2023.

SILVA, Ione de Cássia Soares da; PRATES, Tatiane da Silva; RIBEIRO, Lucineide Fonseca Silva. As Novas Tecnologias e aprendizagem: desafios enfrentados pelo professor na sala de aula. **Revista Em Debate** (UFSC), Florianópolis, volume 16, p. 107-123, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emdebate/article/view/1980-3532.2016n15p107/33788>. Acesso em 30 de ago. de 2023.

SOUZA, Maria Cláudia da Silva Antunes de *et al.* Novos paradigmas educacionais pós-pandêmicos: as importantes transformações e adaptações no sistema educacional provocadas pela pandemia covid-19. **Revista Jurídica Unicuritiba**, Curitiba, v. 2, n. 64, p. 140-157, mar. 2021. Acesso em 07 de out. de 2023.